

Volume 2 • Módulo 3 • História • Unidade 2

Golpes e ditadura na América Latina

Gracilda Alves, Gilberto Aparecido Angelozzi, Denise da Silva Menezes do Nascimento, Gustavo Pinto de Sousa, Inês Santos Nogueira, José Ricardo Ferraz, Marcia Cristina Pinto Bandeira de Mello, Marcus Ajurum de Oliveira Dezemone, Nilton Silva Jardim Junior, Priscila Aquino Silva, Rafael Cupello Peixoto, Sabrina Machado Campos.

Introdução

Caro Professor,

Apresentamos a seguir algumas opções para o desenvolvimento do trabalho em História na Nova EJA. O professor verá algumas sugestões de abordagens pedagógicas que já foram desenvolvidas com sucesso em sala de aula. Professores como você, que conhecem a realidade da rede, trocam suas experiências, o que resultou em algumas propostas que poderão ser acrescidas e mescladas aos seus roteiros, ações, atividades e aulas. Procura-se, assim, nessa parceria que tem se mostrado bastante profícua, construirmos em conjunto estratégias que permitam discutir as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais no Brasil e na América Latina nas décadas de 1960, 1970 e começo dos anos 1980. Assim, analisaremos a emergência dos regimes autoritários, discutindo ditadura e democracia na América Latina, e a emergência de movimentos de contestação e resistência ao autoritarismo no Brasil.

Apresentação da unidade do material do aluno

Caro professor, apresentamos as características principais da unidade que trabalharemos.

Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
História	2	3	2	6 aulas

Título da unidade	Tema
Golpes e ditadura na América Latina	Um abalo à democracia: os golpes civil-militares latino-americanos.
Objetivos da unidade	
Entender a emergência de golpes e ditaduras na América Latina nos anos 1960, 1970 e 1980;	
Compreender as razões para o período de 1964 a 1985 ser uma ditadura;	
Identificar as características dos governos militares no Brasil;	
Reconhecer a importância dos movimentos de contestação à Ditadura Militar para o reestabelecimento da democracia no Brasil.	
Seções	Páginas no material do aluno
Seção 1: Golpes e ditaduras na América Latina	207 a 212
Seção 2: Ditadura militar no Brasil	213 a 221
Seção 3: Movimentos de contestação ao regime militar	222 a 231

A seguir, serão oferecidas algumas atividades para potencializar o trabalho em sala de aula. Verifique, portanto, a relação entre cada seção deste documento e os conteúdos do Material do Aluno.

Você terá um amplo conjunto de possibilidades de trabalho.

Vamos lá!

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



Atividades em grupo ou individuais

São atividades feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Applets

São programas que precisam ser instalados em computadores ou *smart-phones* disponíveis para os alunos.



Avaliação



Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.





Exercícios

Proposições de exercícios complementares



Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Chico Buarque e a crítica ao autoritarismo.	Datashow; computador (opção de som).	Por meio da análise de trechos de canções de Chico Buarque, serão identificadas algumas das características do regime autoritário brasileiro de 1964 a 1985.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos.
	As conexões civis da ditadura brasileira.	Computador, datashow e internet.	Discussão da participação da sociedade civil brasileira no golpe militar e a cultura política do autoritarismo como resposta às manifestações populares no Brasil.	Não é necessário dividir a turma.	90 minutos.

Seção 1 – Golpes e ditaduras na América Latina

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O governo João Goulart, as Reformas de Base e o golpe de 1964.	Datashow; computador; material impresso (uma cópia de cada trecho para cada grupo, ou uma cópia de cada trecho para todos os membros do grupo).	Por meio da análise do discurso do presidente João Goulart no Comício da Central do Brasil, em 13 de março de 1964, serão identificadas as propostas das Reformas de Base, os grupos que seriam beneficiados por elas e os setores da sociedade contrários às reformas.	A turma pode ser dividida em até 5 grupos, de acordo com a opção do professor.	45 minutos
	Salvador Allende e o golpe latino-americano	Material impresso, datashow ou retroprojeto .	Debater os golpes e ditaduras na América Latina, percebendo-os como resultado de ações conjuntas entre militares e parte da sociedade civil temerosos com o “avanço comunista” no mundo.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos

Seção 2 – Ditadura militar no Brasil

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O AI-5 e os anos de chumbo.	Material impresso; <i>datashow</i> ; retroprojektor.	Com a análise de trechos selecionados do AI-5, serão identificadas as razões para compreender que o período de 1964 a 1985 foi uma ditadura.	Não é necessário dividir a turma.	20-30 minutos
	A propaganda na formação nacional.	<i>Datashow</i>	Discutir a importância da propaganda para o Estado, destacando as ferramentas utilizadas para a produção de sentimentos ufanistas na população.	Não é necessário dividir a turma.	90 minutos


Seção 3 – Movimentos de contestação ao regime militar

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Contestação e resistência ao autoritarismo no Brasil.	<i>Datashow</i> ; retroprojektor.	Por meio da análise de imagens do período, os alunos poderão identificar formas de contestação e de resistência ao autoritarismo no Brasil nos anos 1960 e 1970.	Não é necessário dividir a turma.	45-60 minutos.
	A Comissão da Verdade: Um instrumento político no reforço do processo democrático.	Material impresso; <i>datashow</i> ; retroprojektor.	Destacar a consequência do esquecimento dos crimes da ditadura na formação nacional, bem como na reimplantação do sistema político democrático de direito.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos.

Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	As batalhas de memória sobre o golpe e a ditadura no Brasil de hoje.	<i>Datashow</i> ; material impresso; retroprojektor.	Comparação entre os documentos, discutindo a mudança de postura do jornal O Globo, em 2013, diante do golpe e da ditadura.	Divisão da turma em 3 grupos.	50-60 minutos
	Repensando a nação: a Ditadura Militar e nossa identidade nacional.	Material impresso; <i>datashow</i> ; retroprojektor.	Essa atividade tem como objetivo fazer com que os alunos possam identificar elementos desenvolvidos pelo regime militar que ajudaram a construir uma identidade nacional com memórias coletivas homogêneas, auxiliando a desenvolver no Brasil um imaginário coletivo que repulsa qualquer memória conflituosa com a ideia de uma nação mestiça, pacífica, harmoniosa e festiva.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Chico Buarque e a crítica ao autoritarismo.	Datashow; computador (opção de som).	Por meio da análise de trechos de canções de Chico Buarque, serão identificadas algumas das características do regime autoritário brasileiro de 1964 a 1985.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

Leia com a turma os trechos das canções abaixo, de Chico Buarque, que foram dispostas em ordem cronológica:



Cálice

(Gilberto Gil e Chico Buarque – 1973)

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

(...)

Como é difícil acordar calado

Se na calada da noite eu me dano

Quero lançar um grito desumano

Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoa

Atordoados eu permanecemos atentos

Na arquibancada pra a qualquer momento

Ver emergir o monstro da lagoa

(Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=calice_73.htm.)



“

Acorda Amor

(Leonel Paiva/Julinho de Adelaide ou Chico Buarque – 1974)

Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão
Acorda, amor
Não é mais pesadelo nada
Tem gente já no vão de escada
Fazendo confusão, que aflição
São os homens
E eu aqui parado de pijama
Eu não gosto de passar vexame
Chame, chame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão
(...)

(Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=acorda_74.htm)

”

“

Milagre Brasileiro

(Julinho de Adelaide ou Chico Buarque – 1975)

Cadê o meu?
Cadê o meu, ó meu?
Dizem que você se defendeu
É o milagre brasileiro
Quanto mais trabalho
Menos vejo dinheiro
É o verdadeiro boom

Tu tá no bem bom

Mas eu vivo sem nenhum

(...)

(Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=milagre_75.htm)

”

“

Meu caro amigo

(Francis Hime/Chico Buarque – 1976)

(...)

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever

Mas o correio andou arisco

Se me permitem, vou tentar lhe remeter

Notícias frescas nesse disco

Aqui na terra 'tão jogando futebol

Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll

Uns dias chove, noutros dias bate sol

Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

A Marieta manda um beijo para os seus

Um beijo na família, na Cecília e nas crianças

O Francis aproveita pra também mandar lembranças

A todo o pessoal

Adeus

(Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=meucaroa_76.htm .)

”

Essas e outras canções poderão ser acessadas no *site* oficial do compositor: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>

Caso tenha permissão para isso, reproduza o áudio acompanhado da leitura na íntegra das canções projetadas, o que poderá enriquecer a atividade.

2º passo:

Valendo-se de interrogatório didático, o professor pode perguntar aos alunos quais as características e processos do período que podem ser percebidos por meio das canções de Chico Buarque. Procure anotar no quadro os aspectos levantados em cada uma das canções. Faça a análise de uma canção de cada vez.

Aspectos pedagógicos

Nessa atividade, os alunos terão a oportunidade de ter contato com algumas composições emblemáticas de Chico Buarque produzidas durante a ditadura civil-militar. A análise dos trechos selecionados é uma chance para desenvolver algumas reflexões sobre o período, como, por exemplo: a compreensão das razões para o período de 1964 a 1985 ser uma ditadura; a identificação de algumas características dos governos militares no Brasil.


Na primeira canção, *Cálice*, em parceria com Gilberto Gil, Chico Buarque, de maneira metafórica, aborda o tormento para o artista que é ter sua produção e criatividade cerceadas pela censura. Verifique se os alunos conseguem perceber a relação entre o título “Cálice” e a sonoridade “cale-se”.

Em *Acorda Amor*, o tema da repressão, das prisões arbitrárias e do desaparecimento dos opositores é abordado. Chico precisou usar o pseudônimo de Julinho de Adelaide para poder escapar da censura nessa crítica às práticas recorrentes nos Anos de Chumbo.

Já na canção *Milagre Brasileiro*, de 1975, no trecho destacado, novamente como Julinho de Adelaide, têm-se uma referência ao crescimento econômico que não veio acompanhado da distribuição de renda, o que contribuiu para aumentar a concentração de renda no Brasil.

Por fim, em *Meu Caro Amigo*, de 1976, a censura e as dificuldades atravessadas pelo país nos anos posteriores ao Milagre Econômico podem ser ressaltadas.

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	As conexões civis da ditadura brasileira.	Computador, datashow e internet.	Discussão da participação da sociedade civil brasileira no golpe militar e a cultura política do autoritarismo como resposta às manifestações populares no Brasil.	Não é necessário dividir a turma.	90 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

O professor deve expor no datashow a entrevista do historiador Daniel Aarão Reis Filho ao jornal *O Globo* sobre a participação da sociedade durante a ditadura militar e a tradição autoritária brasileira.

Entrevista do historiador Daniel Aarão Reis Filho ao jornal *O Globo*:

- <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/02/15/daniel-aarao-reis-as-conexoes-civis-da-ditadura-brasileira-524443.asp>

2º passo:

Destaque alguns pontos importantes da entrevista como o momento em que Daniel Aarão cita alguns importantes políticos brasileiros como figuras que apoiaram inicialmente o golpe militar. Reforce a discussão a respeito dos conceitos defendidos pelo historiador, como **ditadura** e **estado de direito autoritário**. Pergunte aos alunos se nos dias de hoje a prática de um **estado de direito autoritário** persiste.

Alguns exemplos que você, professor, pode citar:

Importantes políticos brasileiros da época que apoiaram o golpe civil-militar de 1964:

“

Muitas lideranças políticas que apoiaram o golpe acharam que os militares iam fazer uma intervenção rápida. (...) O apoio de JK a Castello Branco se insere aí, porque Juscelino era um dos fortes candidatos, assim como Carlos Lacerda e Adhemar de Barros. Esses líderes civis que participam do golpe eram liberais autoritários.

”

A diferença entre **estado de direito autoritário** e **ditadura**, segundo Daniel Aarão:

“

Eu tento fixar um critério para conceituar um governo como ditatorial ou não. O critério que eu coloco é óbvio, o do estado de exceção. É quando o governo faz e desfaz leis a seu bel-prazer, não passando por nenhuma instância de controle nem sendo controlado por nenhuma instância. O governo inventa os meios legais como quer (...) A república entre 1946 e 1964 era um estado de direito autoritário. Quase metade da população não votava porque era analfabeta. Ninguém chama o governo Dutra de ditadura, mas na contagem do PCB, então na ilegalidade, 51 militantes foram mortos em manifestações.”

No intuito de reforçar a discussão apresente aos alunos a reportagem feita pela revista *Carta Capital* sobre a repressão policial sobre os manifestantes nas ruas do Rio de Janeiro.

Reportagem da *Carta Capital* sobre a repressão policial nas ruas do Rio de Janeiro.

<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/grito-de-liberdade-critica-a-midia-e-a-repressao-policial-nas-ruas-do-rio-8028.html>

”

Alguns exemplos que você, professor, pode citar:

“

(...) cerca de 2 mil pessoas foram às ruas no Rio de Janeiro para uma manifestação intitulada “Grito da Liberdade”. Infelizmente, não se tratava de uma comemoração, e sim do apelo de uma sociedade que, após um momento epifânico de celebração do poder popular, sente o cerco se fechando.

”

“

(...) o número de pessoas diminuiu nas ruas, mas a intensidade da repressão aumentou. Seja pela ação direta da polícia, seja pela articulação das forças conservadoras, nos três poderes, para criar leis que ampliem a possibilidade de carimbar o nome “criminoso” no currículo das pessoas. Exemplo disto é a chamada Lei do Crime Organizado, que, assinada em 2 de agosto pela presidenta Dilma, foi inaugurada em outubro no Rio de Janeiro com a prisão de 84 pessoas durante uma manifestação pública, sendo 20 delas adolescentes (...)

”


3º passo:

Refleta com seus alunos sobre as heranças da ditadura, como a tortura policial. Pergunte aos discentes o que eles pensam a respeito desta prática. Professor, se a turma se comportar a favor de tal prática, busque desmistificá-la e demonstre que o caminho para uma sociedade justa e igual em direitos é aquela que defende um estado de direito que respeita os direitos humanos dos cidadãos que a compõem.

Aspectos Pedagógicos

Nesta atividade, o professor pode direcionar o debate para que seus alunos identifiquem quais as demandas sociais que estavam em jogo na conjuntura que levou o Brasil ao golpe civil-militar de 1964. Debata por que a saída para “salvar a nação brasileira” foi o apoio ao golpe militar por parte da elite dirigente e de parte da classe média brasileira. O docente pode ainda levar seus educandos a refletirem o porquê da visão difundida na opinião pública brasileira ser a de que o golpe militar foi resultado único e exclusivo de ação militar, não contando com a adesão de nenhum segmento da sociedade civil. A atividade deve buscar ainda debater a cultura política do autoritarismo de Estado como resposta às demandas sociais no Brasil, bem como, de que maneira os brasileiros percebem a atuação do Estado na defesa pelos direitos humanos de seus cidadãos.

Seção 1 – Golpes e ditaduras na América Latina

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O governo João Goulart, as Reformas de Base e o golpe de 1964.	Datashow; computador, material impresso (uma cópia de cada trecho para cada grupo ou uma cópia de cada trecho para todos os membros do grupo).	Por meio da análise do discurso do presidente João Goulart no Comício da Central do Brasil, em 13 de março de 1964, serão identificadas as propostas das Reformas de Base, os grupos que seriam beneficiados por elas e os setores da sociedade contrários às reformas.	A turma pode ser dividida em até 5 grupos, de acordo com a opção do professor.	45 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

Como forma de promover o interesse da turma, fale da importância do Comício da Central do Brasil, ou comício das Reformas de Base, que reuniu mais de 200 mil pessoas no centro do Rio de Janeiro em 13 de março de 1964.

O seguinte trecho pode ser usado para isso com a leitura em voz alta para a turma, realizada por um ou mais alunos voluntários.

“

(...)

Não, trabalhadores; sabemos muito bem que de nada vale ordenar a miséria, dar-lhe aquela aparência bem comportada com que alguns pretendem enganar o povo. Brasileiros, a hora é das reformas de estrutura, de métodos, de estilo de trabalho e de objetivo. Já sabemos que não é mais possível progredir sem reformar; que não é mais possível admitir que essa estrutura ultrapassada possa realizar o milagre da salvação nacional para milhões de brasileiros que da portentosa civilização industrial conhecem apenas a vida cara, os sofrimentos e as ilusões passadas.

O caminho das reformas é o caminho do progresso pela paz social. Reformar é solucionar pacificamente as contradições de uma ordem econômica e jurídica superada pelas realidades do tempo em que vivemos.

(...)

Discurso do presidente João Goulart no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>

”

Abordagem: poderia ser também desenvolvida a diferença entre reforma e revolução como caminhos distintos para mudanças e transformações sociais.

2º passo:

O professor poderá dividir a turma em grupos, para que cada um analise um trecho do discurso. Seguem abaixo algumas sugestões de trechos:

Trecho 1: Concepção de Democracia nos anos 1960

“

(...)

Aqui estão os meus amigos trabalhadores, vencendo uma campanha de terror ideológico e sabotagem, cuidadosamente organizada para impedir ou perturbar a realização deste memorável encontro entre o povo e o seu presidente, na presença das mais significativas organizações operárias e lideranças populares deste país.

Chegou-se a proclamar, até, que esta concentração seria um ato atentatório ao regime democrático, como se no Brasil a reação ainda fosse a dona da democracia, e a proprietária das praças e das ruas. Desgraçada a democracia se tiver que ser defendida por tais democratas.

Democracia para esses democratas não é o regime da liberdade de reunião para o povo: o que eles querem é uma democracia de povo emudecido, amordaçado nos seus anseios e sufocado nas suas reivindicações.

A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia antipovo, do anti-sindicato, da anti-reforma, ou seja, aquela que melhor atende aos interesses dos grupos a que eles servem ou representam.

A democracia que eles querem é a democracia para liquidar com a Petrobrás; é a democracia dos monopólios privados, nacionais e internacionais, é a democracia que luta contra os governos populares e que levou Getúlio Vargas ao supremo sacrifício.

(...)

Discurso do presidente João Goulart no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil, Rio de Janeiro.

Disponível em <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>

”

Trecho 2: Democracia e manifestações populares

“

(...)

Ainda ontem, eu afirmava, envolvido pelo calor do entusiasmo de milhares de trabalhadores no Arsenal da Marinha, que o que está ameaçando o regime democrático neste País não é o povo nas praças, não são os trabalhadores reunidos pacificamente para dizer de suas aspirações ou de sua solidariedade às grandes causas nacionais. Democracia é precisamente isso: o povo livre para manifestar-se, inclusive nas praças públicas, sem que daí possa resultar o mínimo de perigo à segurança das instituições.

Democracia é o que o meu governo vem procurando realizar, como é do seu dever, não só para interpretar os anseios populares, mas também conquistá-los pelos caminhos da legalidade, pelos caminhos do entendimento e da paz social.

Não há ameaça mais séria à democracia do que desconhecer os direitos do povo; não há ameaça mais séria à democracia do que tentar estrangular a voz do povo e de seus legítimos líderes, fazendo calar as suas mais sentidas reivindicações.

Estaríamos, sim, ameaçando o regime se nos mostrássemos surdos aos reclamos da Nação, que de norte a sul, de leste a oeste levanta o seu grande clamor pelas reformas de estrutura, sobretudo pela reforma agrária, que será como complemento da abolição do cativo para dezenas de milhões de brasileiros que vegetam no interior, em revoltantes condições de miséria.

Ameaça à democracia não é vir confraternizar com o povo na rua. Ameaça à democracia é empulhar o povo explorando seus sentimentos cristãos, mistificação de uma indústria do anticomunismo, pois tentar levar o povo a se insurgir contra os grandes e luminosos ensinamentos dos últimos Papas que informam notáveis pronunciamentos das mais expressivas figuras do episcopado brasileiro.

(...)

Discurso do presidente João Goulart no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil, Rio de Janeiro.
Disponível em <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>

”

Trecho 3: Reforma Agrária

“

(...)

Nações capitalistas, nações socialistas, nações do Ocidente, ou do Oriente, chegaram à conclusão de que não é possível progredir e conviver com o latifúndio.

A reforma agrária não é capricho de um governo ou programa de um partido. É produto da inadiável necessidade de todos os povos do mundo. Aqui no Brasil, constitui a legenda mais viva da reivindicação do nosso povo, sobretudo daqueles que lutaram no campo.

A reforma agrária é também uma imposição progressista do mercado interno, que necessita aumentar a sua produção para sobreviver.

Os tecidos e os sapatos sobram nas prateleiras das lojas e as nossas fábricas estão produzindo muito abaixo de sua capacidade. Ao mesmo tempo em que isso acontece, as nossas populações mais pobres vestem farrapos e andam descalças, porque não tem dinheiro para comprar.

Assim, a reforma agrária é indispensável não só para aumentar o nível de vida do homem do campo, mas também para dar mais trabalho às indústrias e melhor remuneração ao trabalhador urbano.

Interessa, por isso, também a todos os industriais e aos comerciantes. A reforma agrária é necessária, enfim, à nossa vida social e econômica, para que o país possa progredir, em sua indústria e no bem-estar do seu povo.

Como garantir o direito de propriedade autêntico, quando dos quinze milhões de brasileiros que trabalham a terra, no Brasil, apenas dois milhões e meio são proprietários?

O que estamos pretendendo fazer no Brasil, pelo caminho da reforma agrária, não é diferente, pois, do que se fez em todos os países desenvolvidos do mundo. É uma etapa de progresso que precisamos conquistar e que haveremos de conquistar.

(...)

Discurso do presidente João Goulart no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil, Rio de Janeiro.
Disponível em <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>

”

Trecho 4: Encampação de refinarias e o legado de Vargas



(...)

Mas estaria faltando ao meu dever se não transmitisse, também, em nome do povo brasileiro, em nome destas 150 ou 200 mil pessoas que aqui estão, caloroso apelo ao Congresso Nacional para que venha ao encontro das reivindicações populares, para que, em seu patriotismo, sinta os anseios da Nação, que quer abrir caminho, pacífica e democraticamente para melhores dias. Mas também, trabalhadores, quero referir-me a um outro ato que acabo de assinar, interpretando os sentimentos nacionalistas destes país. Acabei de assinar, antes de dirigir-me para esta grande festa cívica, o decreto de encampação de todas as refinarias particulares.

A partir de hoje, trabalhadores brasileiros, a partir deste instante, as refinarias de Capuava, Ipiranga, Mangueiros, Amazonas, e Destilaria Rio Grandense passam a pertencer ao povo, passam a pertencer ao patrimônio nacional.

Procurei, trabalhadores, depois de estudos cuidadosos elaborados por órgãos técnicos, depois de estudos profundos, procurei ser fiel ao espírito da Lei n. 2.004, lei que foi inspirada nos ideais patrióticos e imortais de um brasileiro que também continua imortal em nossa alma e nosso espírito.

Ao anunciar, à frente do povo reunido em praça pública, o decreto de encampação de todas as refinarias de petróleo particulares, desejo prestar homenagem de respeito àquele que sempre esteve presente nos sentimentos do nosso povo, o grande e imortal Presidente Getúlio Vargas.

O imortal e grande patriota Getúlio Vargas tombou, mas o povo continua a caminhada, guiado pelos seus ideais. E eu, particularmente, vivo hoje momento de profunda emoção ao poder dizer que, com este ato, soube interpretar o sentimento do povo brasileiro.

(...)

Discurso do presidente João Goulart no comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil, Rio de Janeiro.
Disponível em <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>



Trecho 5: As demais reformas



(...)

Na mensagem que enviei à consideração do Congresso Nacional, estão igualmente consignadas duas outras reformas que o povo brasileiro reclama, porque é exigência do nosso desenvolvimento e da nossa democracia. Refiro-me à reforma eleitoral, à reforma ampla que permita a todos os brasileiros maiores de 18 anos ajudar a decidir os seus destinos, que permita a todos os brasileiros que lutam pelo engrandecimento do país a influir nos destinos gloriosos do Brasil. Nesta reforma, pugnamos pelo princípio democrático, princípio democrático fundamental, de que todo alistável deve ser também elegível.

Também está consignada na mensagem ao Congresso a reforma universitária, reclamada pelos estudantes brasileiros. Pelos universitários, classe que sempre tem estado corajosamente na vanguarda de todos os movimentos populares nacionalistas.

Ao lado dessas medidas e desses decretos, o governo continua examinando outras providências de fundamental importância para a defesa do povo, especialmente das classes populares.

Dentro de poucas horas, outro decreto será dado ao conhecimento da Nação. É o que vai regulamentar o preço extorsivo dos apartamentos e residências desocupados, preços que chegam a afrontar o povo e o Brasil, oferecidos até mediante o pagamento em dólares. Apartamento no Brasil só pode e só deve ser alugado em cruzeiros, que é dinheiro do povo e a moeda deste país. Estejam tranquilos que dentro em breve esse decreto será uma realidade.

E realidade há de ser também a rigorosa e implacável fiscalização para que seja cumprido. O governo, apesar dos ataques que tem sofrido, apesar dos insultos, não recuará um centímetro sequer na fiscalização que vem exercendo contra a exploração do povo. E faço um apelo ao povo para que ajude o governo na fiscalização dos exploradores do povo, que são também exploradores do Brasil. Aqueles que desrespeitem a lei, explorando o povo – não interessa o tamanho de sua fortuna, nem o tamanho de seu poder, esteja ele em Olaria ou na Rua do Acre – hão de responder, perante a lei, pelo seu crime.

(...)

Hoje, com o alto testemunho da Nação e com a solidariedade do povo, reunido na praça que só ao povo pertence, o governo, que é também o povo e que também só ao povo pertence, reafirma os seus propósitos inabaláveis de lutar com todas as suas forças pela reforma da sociedade brasileira. Não apenas pela reforma agrária, mas pela reforma tributária, pela reforma eleitoral ampla, pelo voto do analfabeto, pela elegibilidade de todos os brasileiros, pela pureza da vida democrática, pela emancipação econômica, pela justiça social e pelo progresso do Brasil.

”

Se quiser, o professor pode sugerir outros trechos a serem trabalhados em sala. A íntegra do discurso pode ser acessada em: <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=31>.


3º passo:

Cada grupo deverá apresentar em voz alta para a turma a proposta de reforma identificada, seus argumentos, os grupos que seriam beneficiados e os grupos que seriam contrários. O professor pode sistematizar os resultados no quadro, montando uma tabela.

Aspectos pedagógicos

Nessa atividade, os alunos terão a oportunidade de compreender as propostas do governo Goulart e a reação dos setores conservadores, civis e militares, que deflagraram o movimento golpista. Trata-se de uma oportunidade ainda para discutir a pertinência das reformas propostas por Goulart e sua atualidade: a concepção de democracia e as manifestações de rua no Brasil dos anos 1960 e de hoje; a necessidade da realização da reforma agrária; a reforma tributária, com impostos mais altos para os que ganham mais; a reforma política, que em 1988 concedeu o direito de voto facultativo aos analfabetos; a reforma educacional, como as medidas de ampliação do acesso à educação básica e ao ensino superior. Assim, a atividade tanto pode ajudar a entender a emergência de golpes e ditaduras na América Latina nos anos 1960, 1970, 1980 quanto questões discutidas hoje no Brasil.

Seção 1 – Golpes e ditaduras na América Latina

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Salvador Allende e o golpismo latino-americano.	Material impresso, <i>datashow</i> ou retroprojektor.	Debater os golpes e ditaduras na América Latina, percebendo-os como resultado de ações conjuntas entre militares e parte da sociedade civil temerosos com o “avanço comunista” no mundo.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos.

Aspectos operacionais

1º passo:

O professor deve expor no *datashow* o texto “A queda de Salvador Allende”. No entanto, antes de projetar o referido texto, é importante que o professor apresente uma pequena conjuntura política a respeito do Chile, bem como expor um pouco a trajetória de vida de Salvador Allende, presidente chileno deposto pelo golpe civil-militar comandado por Augusto Pinochet. Enquanto projeta o texto, distribua aos alunos uma cópia e peça que realizem uma leitura do mesmo. Dê a eles 5 minutos para realizar a leitura.

Texto 1:



A queda de Salvador Allende

O presidente do Chile, Salvador Allende, declarou logo após sua eleição:

“A história nos ensinou que os grupos ultrarrevolucionários não desistem do poder e lutam para conquistá-lo”.
Ao custo de sua própria vida, a história lhe provaria isso.

Em 1970, o Chile, aliado dos Estados Unidos, vê com ansiedade o líder marxista Salvador Allende subir ao poder. Em 1964 ele já concorrera às eleições, quase vencendo o candidato democrata cristão Eduardo Frei. Fidel Castro apoia Allende. Os objetivos básicos de Allende são a nacionalização das minas de cobre do Chile - Kenecott Copper e Anaconda, duas imensas multinacionais americanas - e a redistribuição da terra aos camponeses. Apesar dos milhões de dólares dados pela CIA aos opositores de Allende, ele é eleito em

4 de setembro de 1970. A CIA tenta evitar a posse do presidente. Os investimentos privados do Chile caem a zero e o desemprego aumenta.

Allende afirma seu direito de chefe de Estado eleito e, em 4 de novembro de 1970, a presidência é confirmada pelo Congresso. É o triunfo do partido de Unidade Popular. O governo de Allende declara-se socialista. Ao descobrir que os *trusts* americanos levavam lucros excessivos para fora do país, Allende nacionaliza as minas de cobre. Logo surge o espectro da ala da direita e dos militares. A companhia americana Telefone e Telégrafo Internacional - ITT -, com mais de duzentos milhões de dólares investidos no Chile, organiza o estrangulamento econômico do país. Prova-se isso por este telegrama: “As linhas de crédito bancário não devem ser renovadas e nem os prazos dilatados. As companhias devem adotar um ritmo lento no envio de verbas, nas entregas e no embarque de peças sobressalentes. Devemos retirar toda ajuda técnica e não daremos assistência técnica no futuro (...).”

Texto retirado do site da TV Cultura: <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/quedadesalvadorallende.htm>

”

2º passo:

Finda a leitura, discuta com os alunos o texto. Pergunte aos discentes quais eram os objetivos básicos do governo de Salvador Allende, de acordo com o texto. Seria possível caracterizar seu governo como “socialista”? Por quê? Peça que os alunos retirem do texto acima trechos que confirmem suas respostas. Discuta com os alunos que elementos caracterizam um governo socialista.

3º passo:

Após a referida discussão, o professor deve perguntar aos alunos, recorrendo ao texto, quais foram os opositores do governo de Salvador Allende dentro do Chile. Reforce junto aos alunos a participação de parte da sociedade civil chilena ao golpe militar comandado por Pinochet. Se desejar, procure traçar semelhanças e diferenças entre os acontecimentos chilenos que culminaram no golpe com os desdobramentos políticos ocorridos no Brasil e que ocasionaram o golpe civil-militar no nosso país.


4º passo:

Terminada a discussão anterior, o docente deve perguntar aos alunos se o golpe civil-militar chileno foi apoiado internacionalmente por alguma importante nação. Faça com que os discentes percebam o apoio norte-americano ao golpe. Não se esqueça de contextualizar a Guerra Fria, trabalhada com os alunos em Unidade anterior, com os acontecimentos no Chile e no restante da América Latina.

Aspectos pedagógicos

O principal objetivo da atividade é fazer com que os discentes percebam que no restante da América Latina, os golpes militares também tiveram o apoio de parte de suas sociedades civis. A intenção é fazer com que os alunos observem que nenhum regime autoritário permanece por muito tempo se a própria população civil ou parte efetiva dela não apoiá-lo. Na atividade, o professor pode associar o contexto da Guerra Fria e o medo da “cubanização” do restante da América Latina como um importante fator que culminou nos golpes civil-militares nos países latino-americanos. A atividade busca, ainda, discutir a participação e atuação do governo norte-americano no apoio aos golpes militares nesta região.

Seção 2 – Ditadura militar no Brasil

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	O AI-5 e os anos de chumbo.	Material impresso; <i>datashow</i> ; retroprojektor.	Com a análise de trechos selecionados do AI-5, serão identificadas as razões para compreender que o período de 1964 a 1985 foi uma ditadura.	Não é necessário dividir a turma.	20-30 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

Projete o trecho selecionado do AI-5. Em seguida, realize sua leitura, chamando a atenção para a identificação das mudanças que esse ato introduziu na política nacional.



ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968.

“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e CONSIDERANDO que a Revolução Brasileira de 31 de março de 1964 teve, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou, fundamentos e propósitos que visavam a dar ao País um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias

às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção, buscando, deste modo, “os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa pátria” (...)

”

Resolve editar o seguinte:

“

ATO INSTITUCIONAL

(...)

Art. 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República.

(...)

Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

(...)

Art. 10 - Fica suspensa a garantia de *habeas corpus* nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular”.

Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Ato_Institucional_N%C3%BAmero_Cinco

”


Realize a leitura, pedindo para que diferentes alunos leiam em voz alta cada frase ou parágrafo. Procure esclarecer o significado das palavras e expressões desconhecidas, recorrendo ao dicionário, se for o caso. Interrompa a leitura toda vez que for destacar e registrar no quadro um aspecto do AI-5.

Aspectos pedagógicos

Essa atividade é uma ocasião privilegiada para compreender as razões para o período de 1964 a 1985 ser uma ditadura e identificar as características dos governos militares no Brasil.

Procure discutir como o Ato Institucional viola a separação dos três poderes, sobrepondo o Poder Legislativo e o Poder Judiciário ao Poder Executivo. Com o Ato Institucional, o chefe do Poder Executivo, o presidente da República, tem seus poderes ampliados, recebendo ainda a prerrogativa de legislar. Procure demonstrar como a concentração de poderes e a supressão de determinados direitos e garantias individuais abre caminho para o auge da repressão, da violência política, das prisões arbitrárias, da tortura, do exílio e das mortes no período.

Seção 2 – Ditadura militar no Brasil

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A propaganda na formação nacional.	<i>Datashow.</i>	Discutir a importância da propaganda para o Estado, destacando as ferramentas utilizadas para a produção de sentimentos ufanistas na população.	Não é necessário dividir a turma.	90 minutos.

Aspectos operacionais

1º passo:

O professor deve exibir para a turma os vídeos 1 e 2:

Vídeo 1:

Campanha de conscientização de limpeza, desenvolvida na década de 70, com o *slogan* “povo desenvolvido é povo limpo”:

- <http://www.youtube.com/watch?v=B3laLdqoIS0>

Vídeo 2:

Apresentação do atual *slogan* do Governo Federal, “País rico é país sem pobreza”.

- http://www.youtube.com/watch?v=uDGm5m_F_qI

2º passo:

Após a exibição dos vídeos, o docente deverá iniciar um debate, pedindo que os educandos identifiquem as semelhanças e diferenças entre os dois *slogans*, assim como os regimes de governo em que foram produzidos (o educador pode montar um pequeno quadro na sala de aula, no qual uma coluna seja dedicada às diferenças e a outra às semelhanças). Professor, se possível reforce junto aos alunos as diferenças institucionais entre um regime democrático e um regime autoritário/ditatorial. Finda a discussão e enumeradas as diferenças e semelhanças entre os *slogans*, o docente deve exibir o vídeo 3:

Vídeo 3:

Vídeo com letra e música: “Pra frente Brasil”, de Miguel Gustavo:

- <http://www.youtube.com/watch?v=h18FDCZBMwU>

3º passo:

Durante a exibição do vídeo 3, o professor deve pedir que os alunos fiquem atentos à letra da música. Antes de exibir o vídeo 3, ou concomitantemente à sua exibição, o docente deve expor as Figuras 1 e 2. (Se preferir, o professor pode distribuir uma cópia das imagens para cada aluno da turma):



Figura 1

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=53104> (Acessado em 21/02/2014 às 15:45)



Figura 2

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37620> (Acessado em 21/02/2014 às 15:49)


4º passo:

Após a execução do vídeo 3 e da exibição das Figuras 1 e 2, o professor deve pedir aos alunos que procurem relacioná-las entre si. O docente deve destacar que os *slogans* publicitários foram produzidos ao longo dos governos militares, em especial no governo do presidente Emilio Garrastazu Médici, aproveitando-se da euforia nacional pela conquista da Copa do Mundo de Futebol em 1970. O professor deve destacar qual era a intenção dos governos militares em produzirem uma identidade ufanista. Os educandos devem ser capazes de perceber a importância da propaganda para os governos e sua força como mecanismo reprodutor de sentimentos nacionais.

Aspectos Pedagógicos

Nesta atividade, o professor deve procurar discutir a importância da propaganda para os governos; a associação desenvolvimento/desenvolvido imposto tanto no *slogan* do governo militar quanto no governo Dilma; refletir sobre a ideia de que ambas as propagandas procuram suprir as supostas deficiências da sociedade brasileira, tendo no conceito de pobreza o representante do “atraso” e do “subdesenvolvimento”, na qual seu combate é necessário para inserir o Brasil no patamar das nações desenvolvidas; destacar o papel da propaganda na produção de um sentimento ufanista nacional; destacar a maneira pela qual o governo militar se utilizou da Copa do Mundo de 1970 em favor de si; debater o que é ser brasileiro; o que caracteriza uma nação. Quais elementos formam a “comunidade imaginada” que chamamos de Brasil?; associar a exaltação nacionalista ao momento de crescimento econômico ocorrido durante a ditadura militar e que ficou conhecido como “milagre brasileiro”; traçar possíveis comparações à exaltação nacionalista dos governos militares e à euforia econômica do período, com as estratégias desenvolvidas no mesmo âmbito nos governos Lula e Dilma.

Seção 3 – Movimentos de contestação ao regime militar

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Contestação e resistência ao autoritarismo no Brasil.	<i>Datashow;</i> retroprojektor.	Por meio da análise de imagens do período, os alunos poderão identificar formas de contestação e de resistência ao autoritarismo no Brasil nos anos 1960 e 1970.	Não é necessário dividir a turma.	45-60 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

Como forma de sensibilizar os alunos sobre os movimentos de resistência, projete os 3 conjuntos de imagens a seguir:

1º conjunto: Movimento estudantil

Imagem 1: Repressão aos estudantes, sem data



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31470>

Imagem 2: Velório e protesto pelo assassinato de Edson Luís, em 1968



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26961>

Imagem 3: Capa da Revista Veja sobre a prisão dos participantes do Congresso de Ibiúna



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26961>

2º conjunto: Luta armada

Imagem 1: Grupo de presos políticos trocados pelo embaixador dos EUA, Charles Burke Elbrick, em 1969



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26963>

Imagem 2: Dilma Rousseff diante do Tribunal Militar



<http://www.viomundo.com.br/humor/lobao-diz-que-dilma-sequestrou-aviao-e-luana-que-e-pau-mandado.html>

3º conjunto: Campanha pela Anistia

Imagem 1: Cartaz da campanha pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25241>

Imagem 2: Manifestação de rua pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=25241>

Imagem 3: Ato do movimento estudantil na campanha pela Anistia



<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=31470>

2º passo:

Ao término da exibição dos conjuntos, pergunte a que essas imagens remetem? O que elas permitem compreender sobre o período estudado? A expectativa é de que os alunos falem sobre repressão e resistência durante a Ditadura.

Em seguida, retorne ao primeiro conjunto. Pergunte o que a imagem retrata. Quais os elementos que permitem fazer esse tipo de afirmação? Procure se ater aos detalhes de cada imagem, como a leitura dos textos, a descrição das pessoas, suas roupas, o cenário, etc. Indague acerca dos elementos que permitem identificar o que está acontecendo. Procure relacionar cada imagem ao seu conjunto – movimento estudantil, luta armada e campanha da Anistia, além da discussão mais ampla sobre o período autoritário como um todo. Desenvolva um pouco dos episódios relacionados às imagens.

Aspectos pedagógicos


Nessa atividade, o principal objetivo é o de reconhecer a importância dos movimentos de contestação à Ditadura Militar para o reestabelecimento da democracia no Brasil.

No 1º conjunto, o movimento estudantil é colocado em destaque. A 1ª imagem permite discutir a repressão às mobilizações estudantis. Na 2ª imagem, a morte do estudante secundarista Edson Luís é o ponto de partida para as grandes manifestações estudantis como a Passeata dos Cem Mil. Já a 3ª imagem destaca a capa de uma importante revista do período que destaca a prisão dos estudantes da “ex-UNE”, colocada na ilegalidade pelo regime.

No 2º conjunto, a opção pela Luta armada pode ser explorada. A 1ª imagem apresenta os presos políticos trocados pelo embaixador dos EUA, com destaque para o líder estudantil José Dirceu, que faz questão de mostrar as algemas. Na 2ª imagem, a presidenta Dilma Rousseff, que na juventude participou de ações da luta armada, é levada para um tribunal militar. A altivez da jovem se contrasta com os militares que parecem esconder seus rostos.

Por fim, o 3º conjunto trata da campanha pela Anistia. Na 1ª imagem, com o cartaz, podem ser exploradas as reivindicações do movimento e o significado que a anistia pretendia assumir. Na 2ª e na 3ª imagens, manifestações em defesa da Anistia são apresentadas com destaque para o apoio do movimento estudantil.

Seção 3 – Movimentos de contestação ao regime militar

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A Comissão da Verdade: Um instrumento político no reforço do processo democrático.	Material impresso; <i>data-show</i> ; retroprojektor.	Destacar a consequência do esquecimento dos crimes da ditadura na formação nacional, bem como na reimplantação do sistema político democrático de direito.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos.

Aspectos operacionais

1º passo:

O professor deve entrar no *site* da Comissão Nacional da Verdade e expor os princípios centrais que norteiam o funcionamento da referida Comissão. Para reforçar, junto aos educandos, os princípios da Comissão, o docente deve

reproduzir e distribuir para a turma, em cópia impressa, a Lei nº12.528, de 18 de novembro de 2011, que criou a Comissão Nacional da Verdade (Se preferir, o professor pode optar por exibi-la no datashow).

Site da Comissão Nacional da Verdade:

- <http://www.cnv.gov.br/>

Lei Nº.12. 528, de 18 de novembro de 2011.

- http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.528-2011?OpenDocument

2º passo:

O docente deve reforçar que a referida comissão tem o papel de ser um instrumento de reforço do processo democrático, assim como de possível desmistificador de diversas ideologias que foram desenvolvidas no imaginário nacional no pós-ditadura. Após a exposição da Lei e dos princípios que norteiam a Comissão da Verdade, o professor distribuirá aos alunos o artigo do historiador Mateus Henrique de Faria Pereira, publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional. (Se preferir, o professor pode optar por exibi-lo no datashow).

Artigo de Mateus Henrique de Faria Pereira, publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional:

- <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/ainda-o-silencio>

Alguns trechos do artigo acima, que você, professor, pode destacar junto aos seus alunos:



A atualidade do tema se impõe, mas há também uma necessidade política. Alguns estudos sugerem que, em comparação com jovens argentinos e uruguaios, os brasileiros são os que menos têm interesse sobre o passado militar e os que têm menores rejeições a “opções militaristas”. Eles também são os mais despolitizados e os que menos defendem valores democráticos.”

(...)

Em uma ampla análise de quase 80 livros didáticos produzidos entre 1973 e 2000, nota-se que as abordagens adotadas muitas vezes se concentram nas figuras de Jânio Quadros e João Goulart, individualizando e psicologizando o acontecimento, que é visto como fruto apenas das contingências imediatas. Percebe-se boa dose de determinismo e a predominância do tempo curto sobre todas as outras possibilidades de explicação. O golpe a ser dado era inevitável e seria bem-sucedido. Possibilidades disponíveis, mas perdidas, são ignoradas, como se outras alternativas fossem impossíveis dentro das limitações da conjuntura histórica do pré-golpe.

(...)

A presença de civis e o papel desempenhado pelos militares na tomada do poder não costumam ser problematizados.

(...)

É importante perceber que os livros didáticos não são uma mera transposição de um saber acadêmico para um saber escolar. Os autores dos livros didáticos desempenham a função de conservação e recriação da memória ao escreverem e reescreverem continuamente a história de acontecimentos como a ditadura militar.



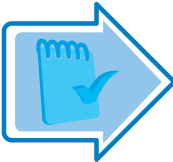
3º passo:

Após a leitura deste artigo e da Lei nº12.528, bem como dos princípios que norteiam a referida Comissão, o professor iniciará um grande debate em sala de aula procurando verificar o posicionamento dos alunos acerca do que pensam do período militar, assim como, porque a educação de ensino fundamental e médio pouco enfoca o tema da ditadura militar. (Professor, não se esqueça de destacar que, no ano de 2014, o Brasil completa 50 anos do golpe civil-militar).

Aspectos pedagógicos

Nesta atividade, o professor pode, juntamente com os alunos, repensar a atuação dos grupos armados de esquerda no período militar; discutir a violação dos Direitos Humanos cometida pelos órgãos militares durante o regime militar; destacar a consequência do esquecimento dos crimes da ditadura na formação nacional, bem como na reimplantação do sistema político democrático de direito; debater a consequência da impunidade dos crimes de tortura cometidos no regime militar para os dias atuais; debater a Lei de Anistia, de 1979.

Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	As batalhas de memória sobre o golpe e a ditadura no Brasil de hoje.	<i>Datashow;</i> material impresso; retroprojektor.	Comparação entre os documentos, discutindo a mudança de postura do jornal O Globo, em 2013, diante do golpe e da ditadura.	Divisão da turma em 3 grupos.	50-60 minutos.

Aspectos Operacionais

1º passo:

Divida a turma em 3 grupos; cada um será responsável por um texto.

Texto 1



Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro

(...) Desde as manifestações de junho, um coro voltou às ruas: “A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura”. De fato, trata-se de uma verdade, e, também de fato, de uma verdade dura.

Já há muitos anos, em discussões internas, as Organizações Globo reconhecem que, à luz da História, esse apoio foi um erro. (...)

1964

“Diante de qualquer reportagem ou editorial que lhes desagrade, é frequente que aqueles que se sintam contrariados lembrem que O GLOBO apoiou editorialmente o golpe militar de 1964.

A lembrança é sempre um incômodo para o jornal, mas não há como refutá-la. É História. O GLOBO, de fato, à época, concordou com a intervenção dos militares, ao lado de outros grandes jornais, como “O Estado de S. Paulo”, “Folha de S. Paulo”, “Jornal do Brasil” e o “Correio da Manhã”, para citar apenas alguns. Fez o mesmo parcela importante da população, um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e outras capitais.

Naqueles instantes, justificavam a intervenção dos militares pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas. (...)

A divisão ideológica do mundo na Guerra Fria, entre Leste e Oeste, comunistas e capitalistas, se reproduzia, em maior ou menor medida, em cada país. No Brasil, ela era aguçada e aprofundada pela radicalização de João Goulart, iniciada tão logo conseguiu, em janeiro de 1963, por meio de plebiscito, revogar o parlamentarismo, a saída negociada para que ele, vice, pudesse assumir na renúncia do presidente Jânio Quadros. Obteve, então, os poderes plenos do presidencialismo. Transferir parcela substancial do poder do Executivo ao Congresso havia sido condição exigida pelos militares para a posse de Jango, um dos herdeiros do trabalhismo varguista. Naquele tempo, votava-se no vice-presidente separadamente. Daí o resultado de uma combinação ideológica contraditória e fonte permanente de tensões: o presidente da UDN e o vice do PTB. A renúncia de Jânio acendeu o rastilho da crise institucional.

A situação política da época se radicalizou, principalmente quando Jango e os militares mais próximos a ele ameaçavam atropelar Congresso e Justiça para fazer reformas de “base” “na lei ou na marra”. Os quartéis ficaram intoxicados com a luta política, à esquerda e à direita. Veio, então, o movimento dos sargentos, liderado por marinheiros — Cabo Anselmo à frente —, a hierarquia militar começou a ser quebrada e o oficialato reagiu.

Naquele contexto, o golpe, chamado de “Revolução”, termo adotado pelo GLOBO durante muito tempo, era visto pelo jornal como a única alternativa para manter no Brasil uma democracia. Os militares prometiam uma intervenção passageira, cirúrgica. Na justificativa das Forças Armadas para a sua intervenção, ultrapassado o perigo de um golpe à esquerda, o poder voltaria aos civis. Tanto que, como prometido, foram mantidas, num primeiro momento, as eleições presidenciais de 1966.

O desenrolar da “revolução” é conhecido. Não houve as eleições. Os militares ficaram no poder 21 anos, até saírem em 1985, com a posse de José Sarney, vice do presidente Tancredo Neves, eleito ainda pelo voto indireto, falecido antes de receber a faixa. (...)

Durante a ditadura de 1964, [Roberto Marinho] sempre se posicionou com firmeza contra a perseguição a jornalistas de esquerda: como é notório, fez questão de abrigar muitos deles na redação do GLOBO. São muitos e conhecidos os depoimentos que dão conta de que ele fazia questão de acompanhar funcionários de O GLOBO chamados a depor: acompanhava-os pessoalmente para evitar que desaparecessem. Instado algumas vezes a dar a lista dos “comunistas” que trabalhavam no jornal, sempre se negou, de maneira desafiadora.

Ficou famosa a sua frase ao general Juracy Magalhães, ministro da Justiça do presidente Castello Branco: “Cuide de seus comunistas, que eu cuido dos meus”. Nos vinte anos durante os quais a ditadura perdurou, O GLOBO, nos períodos agudos de crise, mesmo sem retirar o apoio aos militares, sempre cobrou deles o restabelecimento, no menor prazo possível, da normalidade democrática. (...)

Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país.

À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma.”

Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/denuncias/clovis-purper-bandeira-equivoco-uma-ova.html>

”

Texto 2

“

NOSSA OPINIÃO – EQUÍVOCO, UMA OVA

Numa mudança de posição drástica, o jornal O Globo acaba de denunciar seu apoio histórico à Revolução de 1964. Alega, como justificativa para renegar sua posição de décadas, que se tratou de um “equivoco redacional”. (...)

Alega, assim, que sua posição naqueles dias difíceis foi resultado de um equívoco da redação, talvez desorientada pela rapidez dos acontecimentos e pela variedade de versões que corriam sobre a situação do país. (...)

Dupla mentira: em primeiro lugar, o apoio ao Movimento de 64 ocorreu antes, durante e por muito tempo depois da deposição de Jango; em segundo lugar, não se trata de posição equivocada “da redação”, mas de posicionamento político firmemente defendido por seu proprietário, diretor e redator chefe, Roberto Marinho, como comprovam as edições da época; não foi, também, como fica insinuado, uma posição passageira revista depois de curto período de engano, pois dez anos depois da revolução, na edição de 31 de março de 1974, em editorial de primeira página, o jornal publica derramados elogios ao Movimento; e em 7 de abril de 1984, vinte anos passados, Roberto Marinho publicou editorial assinado, na primeira página, intitulado “Julgamento da Revolução”, cuja leitura não deixa dúvida sobre a adesão e firme participação do jornal nos acontecimentos de 1964 e nas décadas seguintes.

Declarar agora que se tratou de um “equivoco da redação” é mentira deslavada.

Equívoco, uma ova! Trata-se de revisionismo, adesismo e covardia do último grande jornal carioca. (...)

Disponível em <http://www.viomundo.com.br/denuncias/clovis-purper-bandeira-equivoco-uma-ova.html>

”

Texto 3



A ingratidão da Globo

Ingratidão da Globo me espanta, ela vomita no prato em que comeu (...) Aludo ao editorial com que o mais autorizado porta-voz das Organizações, O Globo, brindou seus leitores dia 1º de setembro. Diz-se ali que apoiar o golpe de 64 foi erro nascido de um equívoco.

(...)

A empresa do doutor Roberto cresceu extraordinariamente graças aos favores proporcionados pelos ditadores, gozou de regalias incontáveis, floresceu até os limites do monopólio. O apoio de 64 prosseguiu impavidamente por 21 anos, enquanto o Terror de Estado imperava. Grassavam tortura e censura, repetiam-se os expurgos dentro do Congresso mantido como estertor democrático de pura fancaria. Só o MDB do doutor Ulysses Guimarães redimi o pecado original ao reunir debaixo da sua bandeira todos os opositores do regime. Para desgosto da Globo.

(...)

Vale observar, aliás, que mesmo no instante do pretense arrependimento, O Globo de domingo passado desfralda os mesmos argumentos de 50 anos atrás. Onde a evocação da “divisão ideológica do mundo” à sombra álgida da Guerra Fria, aprofundada no Brasil “pela radicalização de João Goulart”.

(...)

Sim, O Globo apoiou o golpe, juntamente com os demais jornalões como o editorial não deixa de acentuar, e também apoiou os desmandos do regime, a começar pelo golpe dentro do golpe que resultou no Ato Institucional nº 5. E prisões e perseguições, e até as ditaduras argentina, chilena e uruguaia.

(...).

Derradeiro lance global, a condenação inapelável do movimento das Diretas Já, quando a Globo foi alvo da ira popular e um veículo da empresa foi incendiado na Avenida Paulista no dia 25 de janeiro de 84, ao término de uma manifestação que reuniu na Praça da Sé 500 mil pessoas.

(...)

Sim, é verdade que muitos jornalistas de esquerda tiveram abrigo na redação de O Globo, e alguns deles foram e são amigos meus, mas não me consta que o doutor Roberto se tenha posicionado “com firmeza contra a perseguição” de profissionais de quaisquer outras redações. (...)

Adaptado de Com desfaçatez suprema, o jornal desculpa-se enquanto evoca as razões que, 50 anos atrás, pretende terem justificado o apoio ao golpe por Mino Carta —publicado em 06/09/2013 08:27, última modificação 06/09/2013 10:03 em Carta Capital.



2º passo:

Cada grupo deverá fazer a leitura do seu texto e responder às seguintes questões:

1. Quem escreve (pessoa ou instituição) o texto analisado pelo grupo?
2. Qual a posição adotada diante do golpe de 1964 e do regime militar? Como o grupo chegou a essa conclusão?
3. Como o texto explica o movimento que derrubou João Goulart?

4. Na opinião do grupo, os argumentos adotados pelo texto são válidos?

Recomenda-se escrever essas questões no quadro, para auxiliar a tarefa dos grupos.

3º passo:


Ao término do 2º passo, cada grupo deverá ler suas conclusões para a turma. Em seguida, o professor pode promover um debate, confrontando as diferentes posições adotadas nos textos.

Aspectos pedagógicos

Nessa atividade, temos uma oportunidade de discutir o apoio civil ao golpe, bem como a mudança do entendimento sobre o golpe e a ditadura. Trata-se mesmo de uma batalha de memória, daí a posição do Clube Militar e a crítica incisiva de Mino Carta.

Com essa atividade de avaliação, os objetivos da Unidade poderão ser alcançados, permitindo melhor entender a emergência de golpes e ditaduras na América Latina.

Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Repensando a nação: A Ditadura Militar e nossa identidade nacional.	Material impresso; <i>datashow</i> ; retroprojektor.	Essa atividade tem como objetivo fazer com que os alunos possam identificar elementos desenvolvidos pelo regime militar que ajudaram a construir uma identidade nacional com memórias coletivas homogêneas, auxiliando a desenvolver no Brasil um imaginário coletivo que repulsa qualquer memória conflituosa com a ideia de uma nação mestiça, pacífica, harmoniosa e festiva.	Não é necessário dividir a turma.	45 minutos

1º passo:

Sugerimos a análise de um fragmento de texto através do qual o professor poderá problematizar conceitos como nacionalismo, patriotismo, civismo, tão caros à construção nacional.

Texto 1:



(...) os primeiros movimentos latino-americanos pela independência eram de “pouca espessura social”, mas trataram de ganhá-la. Foi assim que nos transformamos no país do samba e do futebol, e é por eles que morremos ou defendemos nacionalidade.

A ideia da exclusão social e da violência é de certa maneira recente em nossos noticiários, e nunca fez parte de nossa “imaginação nacional”. Enquanto imaginário, “Deus continua brasileiro” e gosta de cachaça e caipirinha. A nação constrói tempos vazios e homogêneos, e amnésias coletivas fazem parte desse jogo político, também por aqui, muito bem disputado.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Prefácio IN: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp.16-17.



2º passo:

O docente distribuirá a turma o fragmento acima e, individualmente, pedirá que o analisem a partir do seguinte enunciado:

Analise o trecho acima, identificando-o com a ditadura militar, procurando explicar de que maneira o regime militar ajudou a construir “tempos vazios e homogêneos, e amnésias coletivas” que ajudaram a constituir nosso “imaginário nacional”.

3º passo:

Os alunos desenvolverão a resposta em, no máximo, 10 linhas, e a entregarão ao professor. Após a leitura das respostas realizadas pelos discentes, o docente deve iniciar um debate em sala de aula sobre o fragmento do Texto 1, de acordo com as respostas desenvolvidas por seus alunos, a fim de reforçar o conteúdo ensinado. O professor deve orientar os alunos a identificar os elementos desenvolvidos pelo regime militar que ajudaram a construir uma identidade nacional com memórias coletivas homogêneas, auxiliando a desenvolver no Brasil um imaginário coletivo que repulsa qualquer memória conflituosa, a partir da ideia de uma nação mestiça, pacífica, harmoniosa e festiva.

Aspectos Pedagógicos

A proposta é que, a partir do fragmento do livro, os alunos possam identificar e problematizar conceitos como nacionalismo, patriotismo, civismo, tão caros à construção nacional. É possível abordar ainda a amnésia coletiva provocada pela “anistia ampla, geral e irrestrita”, de 1979, que ajuda a fomentar na nação brasileira um sentimento de impunidade no que diz respeito a crimes e violações dos direitos humanos. A atividade deve provocar uma reflexão nos alunos para que entendam as razões para que a ditadura no Brasil seja, ainda nos dias atuais, uma ferida não cicatrizada, assim como uma memória que parte da sociedade brasileira faz questão de apagar.